

“QUEM A TEM...”

Teresa Martins Marques*

O título do poema “Quem a tem...” remete directamente para uma canção popular portuguesa, cantada por Vitorino Salomé, cuja letra reza assim: “Liberdade, liberdade/ quem a tem chama-lhe sua/ já não tenho liberdade/ nem de pôr o pé na rua// Liberdade, liberdade/ quem a tem chama-lhe dela/ já não tenho liberdade/ nem de me pôr à janela// São tão bonitas as carbonárias/ são tão catitas as libertárias/ Oh que lindo rancho da mocidade/ cantai raparigas, viva a liberdade.”. Há outra versão, muito difundida durante o Estado Novo, na qual “carbonárias” foi substituída por “carvoeiras”, numa tentativa de anular o efeito remissivo da canção libertária, alusivo à organização política *Carbonária*, fundada em Portugal em 1898, cuja influência foi determinante na implantação da República.

O poema de Jorge de Sena, *datado de 9/12/1956 e inserto em Fidelidade*, foi escolhido por Luciana Stegagno-Picchio para a antologia *Jorge de Sena: Ressonâncias e Cinquenta Poemas*, organizada por Gilda Santos. Secundo Luciana nesta escolha, duplamente homenageando o poeta e a lusitanista, cujas vidas constituem claro exemplo de luta e defesa da liberdade. Não se trata aqui, fundamentalmente, de uma escolha estética, dada a simplicidade formal do poema, mas de uma escolha ética, que preside à escrita do mesmo. Sena bem podia dizer com Montesquieu: “*La liberté, ce bien qui fait jouir des autres biens*”, pois é a falta de liberdade de expressão na Pátria que o condenará ao exílio em 1959, sonhando sempre com o dia claro, límpido e livre: “Não hei-de morrer sem saber/ qual a cor da liberdade”.

Este poema é um grito saído da inquietude interior do poeta e funciona como automotivação para o exílio no Brasil. É um poema de puro amor à liberdade e à terra que lhe foi berço, *locus affectus*, que os ditadores transformaram em *locus infectus*. O sujeito sobrevive na *waste land* devastada e

cinzenta, e tem de sair à procura do que lhe falta. Declaração de amor ambivalente entre ficar e partir, desprendendo-se da raiz do terrunho identitário: “Eu não posso senão ser/ desta terra em que nasci”. O que não o impede de imprecisar contra essa terra onde “é quase um crime viver”, porque lhe corta as asas, mas não lhe rouba a esperança: “Embora ao mundo pertença/ e sempre a verdade vença,/ qual será ser livre aqui,/ não hei-de morrer sem saber.” Os antolhos e as mordidas que o querem “cego e mudo”, não são, todavia, mais fortes do que a esperança – “não hei-de morrer sem saber qual a cor da liberdade.”

Não admira, pois, que Sena e José Rodrigues Miguéis, ambos exilados e lutadores pela liberdade, tenham vindo a estabelecer relações de cumplicidade e solidariedade, quando Sena aporta à América do Norte, uma vez mais à procura da liberdade, que já não encontrava no Brasil. Em carta de 1/9/1965, o autor de *Gente da Terceira Classe*, conhecedor como poucos da história da imigração, aconselha o amigo, pois nalgum momento o homem errante tem de encontrar um poiso firme: “Só uma atitude fleugmática, sorridente e calma nos pode atrair simpatias tão necessárias a essa paz interior, e mais ainda o desgraçado prestígio português que é nulo.”

Sena levava na bagagem o sonho de conquistar a América literária e académica. Miguéis, que há trinta anos calcorreava Nova Iorque, vai dizendo ao amigo o que é ser português, na América: “A amargura portuguesa legítima ou não, não nos conquista simpatias, aliena-as. E nós precisamos culturalmente de amizades e simpatias que nos faltam: Portugal não é só um zero, é um trambolho antipático, sobretudo com a ditadura e a guerra de África.”

As portas da liberdade não se abrem facilmente, pesando nas costas do português o fardo dos pecados da terra de origem. Saindo da terra cinzenta, salazarenta, anos depois Sena encontraria também a colorida ditadura brasileira e, uma vez mais, fugiria dela. Uma carta de Sena para Miguéis, datada de 8/5/1971, elogia a estupenda sátira dos totalitarismos de sinais

opostos mas confluentes, o czarista e o bolchevique, em *Nikalai! Nikalai!* e fala-nos da tremenda “luta entre o exílio que saiu do tempo, e um tempo que é falsificado pelos totalitarismos”. Os russos brancos procuravam falsamente a liberdade, inventando um falso czar, sócia do verdadeiro. Talvez Sena vislumbrasse neste romance de Miguéis a “tragédia de uma consciência nacional lutando contra a abstracção e a sujeição crescentes do seu próprio destino”, como na sua tragédia em verso *O Indesejado*. Tinha razão o grito de Mme. Roland, no cadafalso – “*Oh liberté que de crimes on commet en ton nom!*” Os totalitarismos de qualquer cor são sempre ferozes inimigos da liberdade, até mesmo quando, hipocritamente, clamam por ela.

Na poesia, no romance ou no teatro, é sempre a mesma luta, o mesmo desafio, a mesma busca de quem não quer morrer sem saber a cor da liberdade. Que é uma paleta plural, pois tem todas as cores do arco-íris, as cores do sonho – esperança de um tempo melhor para a Humanidade.

* Presidente do PEN Clube Português. Doutoramento em Literatura e Cultura Portuguesas, pela Univ. de Lisboa, onde é investigadora no CLEPUL. Nos anos 90 integrou o Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Academia das Ciências de Lisboa. Dirigiu a edição das *Obras Completas* de Rodrigues Miguéis (Círculo de Leitores) e a equipa organizadora do espólio literário de David Mourão-Ferreira. Publicou livros de ensaios (*Leituras Poliédricas; Clave de Sol – Chave de Sombra. Memória e Inquietude em David Mourão-Ferreira etc.*), romance (*A Mulher que Venceu Don Juan*), biografia (*O Fio das Lembranças – Biografia de Amadeu Ferreira*), contos e teatro.